



HOMENS FEMINISTAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL – POR UMA PEDAGOGIA FEMINISTA

Feminist men and early childhood education – for a feminist pedagogy

Peterson Rigato da **SILVA**
Departamento Educação
Universidade Estadual Paulista - UNESP
peteronrigato@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8099-8912>

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

Movimento que fissa os espaços-tempos da educação infantil, este artigo garante a presença de homens na pequena infância e a sua inserção, como travessia feminista, cujo processo formativo de quebra de visões binárias e sexista são retirados do lugar e como travessia se deslocam para pensar em pedagogias feministas. Ao abordar tal perspectiva a partir da materialidade de uma pesquisa de doutorado que ao desenhar um diálogo entre os filósofos Deleuze, Guattari e Foucault articula-se como elementos que explodem e contagiam a pequena infância, performáticos e des-formativos, um atravessamento que impacta e mexe com os espaços. Ainda, as feministas negras e decoloniais criam um jogo compositivo para pensar no feminismo enquanto transformação social, criando linhas que se encontram e deliram nos espaços da pequena infância.

PALAVRAS-CHAVE: Professores homens. Feminismos. Pequena infância. Binarismo.

ABSTRACT

The movement that splits the space-times of early childhood education, this article scribbles the presence of men in early childhood and their insertion, as a feminist crossing, whose formative process of breaking binary and sexist views are removed from the place and as a crossing they move to think about feminist pedagogies. Approaching this perspective from the materiality of a doctoral research that, by designing a dialogue between the philosophers Deleuze, Guattari and Foucault, articulates itself elements that explode and infect young childhood, performative and de-formative, a crossing that impacts and moves spaces. Still, black and decolonial feminists create a compositional game to think about feminism as a social transformation, creating lines that meet and delirious in the spaces of small childhood.

KEYWORDS: Male teachers. Feminisms. Early childhood education. Binarism.

...

Um encontro, entre vários durante o dia, o grupo de merendeiras. O café da manhã. A conversa entre as merendeiras estava intensa quando cheguei ao espaço, a discussão era sobre feminicídio, Meire relatava uma notícia da mídia sobre a morte de uma estudante em uma cidade da grande SP, na qual ao aceitar que um homem trocasse o pneu do seu carro, foi violentada, morta, descartada a 60km do local do crime e queimada. A revolta estava estampada nos rostos das funcionárias. Meire comenta que ao conversar com a sua filha sobre o assunto, a filha diz para mãe: está vendo o que aconteceu com a estudante, não é a roupa que ela estava usando. Marisa então comenta: fico assustada com a forma em que as mulheres estão sendo atacadas e mortas, parece que os homens estão com ódio das mulheres. Isaura diz: são doentes e precisam ser punidos. Neste momento digo: que as mulheres na história sempre foram perseguidas e mortas, lembrando do período da Inquisição no século XII, as mulheres que não se enquadravam aos padrões da época eram condenadas à fogueira. Ou seja, eram violentadas, torturadas, queimadas, mortas. Marisa (merendeira grávida de quatro meses) então diz: sabe Henrique não quero que nasça uma menina. Pois as mulheres sofrem muito, nascer uma menina para sofrer, que dó. **Quero que nasça um menino, para educar ele para ser feminista.** Neste momento por alguns segundos paira um silêncio. Ela continua: em casa tanto o meu marido como meu filho são machistas. Tenho que me impor em vários momentos e, muitas vezes, não sou ouvida. Quero que nasça um menino para educar de outra forma, uma forma mais justa com as mulheres, um feminista. Meire então fala: Não fale isto Marisa, que nasça menina, para você educar como **uma menina feminista...** (Informação verbal, 04/10/2019, grifos meus)

...

Como movimento que fissa os espaços-tempos da educação infantil, este artigo garatuja a presença de homens na pequena infância e a sua inserção como travessia feminista, em que a quebra de visões binárias e sexista se deslocam para pensar em pedagogias feministas. Os debates sobre as questões de gênero e a docência se cruzam como um plano de fundo para pensar na dimensão do cuidado e educação de crianças pequenas, cujo os encontros se articulam como blocos que explodem e contagiam a pequena infância, uma travessia em que o artigo vai ganhando corpo de forma performática e des-formativa, um atravessamento que impacta e mexe com os espaços da infância. Ainda, como um jogo compositivo, pequenos fragmentos da pesquisa de doutorado (SILVA, 2021) estão presentes no texto, cujo objetivo é olhar para a complexidade das relações presentes nos espaços da pequena infância e, ao mesmo tempo criar diálogos, produzindo linhas que se encontram e deliram nos espaços.

Nesta composição, os fluxos feministas presentes nas creches e pré-escolas são povoados de uma história de luta dos movimentos de mulheres desde a década de 1970, com grandes mobilizações de grupos sindicais, em vários Estados do Brasil, articulados com diferentes entidades, o que marca o período, com uma mobilização fundamental da participação de mulheres trabalhadoras na luta por creches para suas filhas e filhos. E ainda,

Não caberia apenas às mães e às famílias a responsabilidade social, afetiva, econômica e política pelo desenvolvimento de bebês e crianças. As feministas protagonizam a oposição da sociedade patriarcal que impõe a maternidade compulsória – ditada pela heteronormatividade – que coloca como destino das mulheres ser mãe. Nasceram para ser mães e cuidadoras, e é assim que a sociedade as vê. A naturalização da maternagem tem sido, ao longo de décadas e décadas, criticada e questionada. As feministas colocaram e reafirmaram a **maternidade como uma construção social, histórica e política**. (TELES, 2018, p. 164).

Diante de tal movimento, que reconfigura os lugares e posições de homens e mulheres no cuidado e educação das crianças, o próprio conceito de feminino e masculino e colocado em debate, pois a questão identitária presa em uma visão binária de sociedade é destituída da verdade única, ou seja, no sentido de criar mecanismos de combate as formas de naturalização das desigualdades de gênero, o que será costurado no percurso da escrita que ao criar um diálogo entre Butler (2016; 2019), Deleuze (1992; 2005;) e Foucault (2008; 2017; 2018) fissa o próprio jogo e cria formas outras de olhar para a humanidade, um risco que possibilita burilar por novos percursos. A intenção é estabelecer diálogos possíveis diante da materialidade empírica em questão, visando garantir o processo de hierarquização de poder e gênero como elemento que fissa os espaços e tempos da educação infantil.

Ainda nesta esteira, podemos trazer a discussão da positividade do feminino como sinaliza Cerisara (2002), como forma de enfrentamento a uma lógica normatizadora do sexismo fruto da cultura patriarcal. Se o sistema trata como algo de menor valor o cuidado humano, ao olhar para os espaços da educação infantil e as profissionais docentes, isto se configura em práticas sexistas de desigualdades de gênero no âmbito da docência.

A ideologia sexista cumpre o papel marcado pela sociedade patriarcal de naturalizar e moralizar o corpo da mulher, do homem, da menina e do menino, criando mecanismo de controle necrobinário, instaurando uma máquina de violência dos/nos corpos. O fragmento do diálogo entre as merendeiras e o diretor é marcado por visões de mundo e pensares sobre a violência contra as mulheres, o que possibilita pensar nas travessias e encontros potentes dos espaços e tempos na educação infantil. Rodopios que se encontram nos coletivos infantis e de adultas e adultos em que o artigo está organizado, fragmentos presentes entre os blocos compõem os caminhos e percursos, atravessam e tiram do lugar, marcam as tensões e projetam máquinas de guerra.

Como um estado de alerta o artigo abre movimentos que problematizam os lugares da infância, especialmente a educação infantil, propondo outros olhares para

desenhar uma pedagogia feminista que abarque as diferenças e contágio, para mudanças e transformações na formação humana.

Bloco 1 – pluralidade dos conceitos?

Devido ao fato de o conceito de masculinidade hegemônica ser baseado na prática que permite a continuidade da dominação coletiva dos homens sobre as mulheres, não é surpreendente que em alguns contextos a masculinidade hegemônica realmente se refira ao engajamento dos homens a práticas tóxicas – incluindo a violência física – que estabilizam a dominação de gênero em um contexto particular. Entretanto, a violência e outras práticas nocivas não são sempre as características definidoras, uma vez que a hegemonia tem numerosas configurações. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255).

Neste plano, o conceito de masculinidades que vem sendo discutido desde a década de 1980, pela pesquisadora trans australiana Raewyn Connell e pelo pesquisador James W. Messerschmidt (2013; 2017) que problematizam o modelo de masculinidade hegemônico, marcado pelo controle, que opera de forma rígida a violência e a perpetuação das desigualdades de gênero, o que é normatizado por um discurso sexista estruturado pelo sistema patriarcal. Nesta perspectiva, ao problematizar uma ideia política da atuação de homens nos movimentos feministas e da sua inserção, demarco uma proposição sobre um outro lugar, não de privilégios, mas que pertencem a um grupo minoritário de homens, de masculinidades não hegemônicas (tanto no âmbito sexual, étnico racial, territorial e de classe social), produzindo linhas de fugas.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 185).

Ao trazer esta forma de incorporação quando olhamos para os espaços-tempos da educação infantil em que a posição de privilégios, quando se têm homens é marcada como uma posição quase que naturalizada, traz à tona a supremacia ideológica do patriarcado, compreendendo que tal visão faz parte de uma teia de poder que normatiza e propaga as desigualdades. E tal perspectiva vem sendo delineada com atravessamentos que ditam um ideário de mundo e, ao olhar para a educação das crianças pequenas é, também, operado como dispositivos de controle e opressão de corpos.

A dimensão da construção da profissão docente na educação infantil estrutura-se em espaços que estão em constante movimento e que revelam paradigmas presentes na apropriação desses lugares e da experiência cotidiana nessa etapa da educação. As marcas do machismo que estão gravadas nos espaços e nos discursos na creche e na pré-escola parecem perpetuar uma micropolítica das relações entre homens e mulheres, meninos e meninas... práticas femininas como *açucaradas* e masculinas como violentas, revelando o quanto estão delineadas e impressas no corpo e o quanto reproduzimos e tatuamos nas outras pessoas essas marcas do machismo. (SILVA et al, 2020, p. 6).

A participação política de homens dentro dos movimentos feministas seria, portanto, uma fissura para marcar as práticas de poder presentes do patriarcado em uma profissão majoritariamente feminina, como a docência na Educação Infantil? Como operar dentro do conceito masculinidades a dimensão da docência na educação infantil ao pensar nos modos de existir e nos mundos a criar?

Tais questões nos faz olhar para partículas dos feminismos em que a sua composição explode em uma multiplicidade molar ao pensar no devir-mulher e, ao trazer o conceito de masculinidades para operar diante deste agenciamento e, ao pensar na potência da docência na educação infantil em que o encontro é o fluxo que propaga o contágio de uma política molecular feministas desde a educação infantil, de linhas de fugas produzidas nesta explosão. Adam Riches (2019) ilustrador britânico, nos apresenta linhas, que possibilitam encontros, criam formas, operando como um jogo compositivo que fissuram os espaços e caminhos, o que aponta por diferentes composições, um dos pontos que explode é a questão identitária e do reforço do binarismo compulsório.

Imagem 1: Linhas e fissuras



Fonte: Adam Riches, Pulse Art Fair (2019).

Diante de tal perspectiva, ao trazer enquanto elemento que fissa o próprio jogo, o diálogo entre o diretor e as merendeiras, transita por estas posições que podem criar e reproduzir hierarquias, porém a forma como o diálogo se constrói não só desenha uma outra forma de estar nos espaços da educação, neste caso, da educação infantil, como fissa o próprio espaço. Ou seja, as posições hierárquicas são deixadas em um outro plano, para problematizar o processo de colonização de corpos e das violências contra as mulheres. E neste sentido, ensaios outros possibilitam criar e fissurar as próprias composições do jogo, burilar com o devir-mulher enquanto elemento para problematizar o conceito de masculinidades, permitindo quebrar com armadilhas identitárias e, ao mesmo tempo, evidenciar as diferenças. Existem diferentes formas de masculinidades que explodem nas relações, nos espaços, nos coletivos e na formação.

Uma operação que focaliza explosões no âmbito da docência na educação de crianças pequenininhas e pequenas que ao pensar no homem devir-mulher, enxerga possibilidades do sujeito político nos movimentos feministas, no sentido de estar junto na luta, no processo formativo de homens e de quebra com uma ideia identitária que prende e normatiza, ou seja, criar fissuras dentro dos próprios movimentos para pensar na atuação política. Importante destacar que não é a defesa de uma ideia de anulação do debate e discussão sobre lugares singulares dos grupos de mulheres, mas da atuação de homens como parceiros na luta e combate contra a violência de gênero e todo processo de exclusão. E, ao pensar nos espaços-tempos da educação infantil, demarco a urgência desta discussão, de pesquisas e debates, que anuncia os conceitos de masculinidades e feminilidades como atravessamentos dos corpos infantis e de adultas e adultos para fortalecimento na atuação das lutas, uma aliança feminista é conjecturada.

Pensar em práticas de liberdade (RAGO, 2013; hooks, 2019) e em alianças (BUTLER, 2019) com os movimentos feministas constituem orientações políticas, éticas e estéticas para pensar e perceber as práticas feministas em si e na formação de homens feministas, como nascimento e mudanças nas relações sociais e, ao trazer estes elementos para o campo da pequena infância, para os lugares não-óbvios, para os coletivos infantis reafirmo a importância de quebrarmos com práticas sexistas e de um binarismo compulsório desde a educação infantil. Chamo, neste momento, para o diálogo Deleuze e Guattari, que ajudam a pensar no devir-mulher como possibilidade formativa e de mudanças revolucionárias na sociedade, o que marca os modos de olhar para os homens nos espaços-tempos da educação de crianças pequenas. “O que

chamamos de entidade molar aqui, por exemplo, é a mulher enquanto tomada numa máquina dual que a opõe ao homem, enquanto determinada por sua forma, provida de órgãos e de funções, e marcada como sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 71).

Como movimento de deslocamento desta entidade que é produto de uma sociedade marcada por uma educação sexista, que as mulheres de forma coletiva e quebrando com uma ideia de competição, também marca desta sociedade capitalista, que os movimentos feministas devem se unir como travessia de combate ao processo de modulação de corpos. Na educação infantil a presença de homens como professores de crianças pequeninhas e pequenas aponta como lugar formativo em que no encontro com as mulheres, docências são produzidas, a pluralidade do encontro reverbera sentidos e possibilidades para pensar em pedagogias feministas.

Ora, devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se nela. Não se trata de negligenciar, no entanto, a importância da imitação, ou de momentos de imitação, em alguns homossexuais masculinos; menos ainda a prodigiosa tentativa de transformação real em alguns travestis. Queremos apenas dizer que esses aspectos inseparáveis do devir-mulher devem primeiro ser compreendidos em função de outra coisa: nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular. (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 72).

As máquinas de guerra e as fissuras e as linhas fuga ou os deslocamentos ou os pensares ou as resistências ou..., nos levam a pensar em práticas que propositalmente nos levam a mudanças orgânicas. A história da educação infantil nas últimas quatro décadas, sinaliza a importância do movimento de mulheres, dos encontros entre elas e da formação política, estética e ética presente nos espaços-tempos da pequena infância, uma travessia de encontros, e os homens estão presentes. É desta molécula que se encontra um devir-mulher como mecanismo formativo para os homens no encontro com os feminismos que ensinam a transgressão e modulam uma outra forma de pensar a humanidade e as relações que nascem neste movimento. A educação infantil é um lugar privilegiado, por isso, temido por alguns que enxergam como um espaço feminista, de uma educação feminista e que possibilita enfrentar o patriarcado.

Porém, ainda estamos longe de ser um espaço feminista, enfrentar a lógica sexista marcada pelo capitalismo é deflagrar a todo momento o machismo presente nas relações. hooks (2019, p. 73) nos diz: “Politicamente, o Estado patriarcal, supremacista branco, toma a família como base para doutrinar seus membros com valores favoráveis ao controle hierárquico e à autoridade coercitiva”. O processo deformativo que é

produto de um Estado que projeta uma ideia de família e que produz o sexismo, construindo uma visão de mundo e propagando um pânico moral e institucional. A luta feminista(s) é árdua e requer um coletivo de combate, o que aponta para o processo de formação que se dá desde a educação infantil. “É preciso, portanto, conceber uma política feminina molecular, que insinua-se nos afrontamentos molares e passa por baixo, ou através” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 72).

Marisa, a merendeira grávida olhando para a realidade em que mulheres estão sendo mortas, deseja educar um menino pelo viés feminista, marcando o lugar da educação feminista como revolução e resistência nas relações entre meninas e meninos, homens e mulheres, trazendo uma perspectiva de luta a uma ordem posta na sociedade. Butler (2019, p. 238) reafirma que “a resistência consiste em trazer à tona um novo modo de vida, uma vida mais possível de ser vivida que se oponha à distribuição diferencial da condição de precária...”

Partindo deste princípio em que a vida é pensada pelo viés da precaridade e ao trazer para dentro da educação infantil, a questão da violência contra as mulheres explode como forma de denúncia e resistência, ao mesmo tempo em que marca a constituição da docência na educação de crianças pequenininhas e pequenas. E quando se têm homens na docência da educação infantil, as desigualdades ficam expostas e explodem, demarcando os lugares e pontuando a dicotomia entre o educar e cuidar. Outro ponto tenso no debate está na conexão entre as questões de gênero, sexualidade e as questões etnicorraciais e de classe social ao pensar no homem negro da periferia na docência em creches.

Sentimentos e hostilidades em relação aos homens negros na educação infantil é posto como algo naturalizado, pois se a presença de homens na primeira etapa da educação básica é vista pelo viés da desconfiança e de atenção e cuidados, pois a vinculação à violência sexual, à pedofilia está fincada como dispositivo de forças que formata este homem, além do medo da corrupção moral dos corpos das crianças, da homossexualidade. É dentro deste jogo de poder, destas forças que modulam o pensar e os corpos que, ao olhar para a história da educação infantil, que nasce da mão dos movimentos de mulheres e feminista, e que tem no movimento da educação infantil como precursores, que possibilitam pensar em pedagogias feministas desde a pequena infância, como instrumentos formativos para enfrentar a lógica ultraconservadora e moralista do capitalismo no âmbito da educação.

Na esfera do formar, do abrir-se aos horizontes que o feminismo nos ajuda a pensar e problematizar esta sociedade, que vem sendo produzida como forma de

resistência, um devir-mulher em que os homens se colocam como sujeitos políticos nos movimentos feministas, e ao adentrar se juntam na luta. Ainda dentro desta lógica de devires, temos os homens trans, as travestis, as mulheres trans, gays, lésbicas, deficientes, gordas/os/es... que estão presentes como docentes na educação infantil.

Bloco 2 – Movimentos políticos: um sujeito que nasce feminista

...

Os embates políticos e os desafios no âmbito da educação infantil são intensos e pulsam de forma des-controlada, ao ponto de naturalizar as relações que constituímos nos espaços de lutas e resistência. Em diálogo com uma grande amiga, militante do FPEI (Fórum Paulista de Educação Infantil), coordenadora de um Centro de Educação Infantil - CEI na cidade de São Paulo, uma das maiores redes de educação infantil no Brasil, comentava uma situação vivenciada no CEI em que trabalha e que tinha muitas dúvidas de como agir, diante de algumas indagações das famílias e, também, de algumas funcionárias e funcionários sobre a presença de um homem professor de crianças pequenininhas. Venho tendo um grande problema com as famílias Peterson, sobre um professor que temos no CEI e que trabalha com as crianças pequenininhas, ele é homem e, por isso, já fui procurada por algumas mães e pais que solicitaram para tirar ele da turma e que não queriam que ele desse banho nas suas filhas e seus filhos. Conversei com as famílias que é um profissional competente e que realizamos formação com toda a equipe, sinalizando o quanto todas as profissionais e os profissionais são comprometidos com o trabalho pedagógico e que ter um homem professor de crianças pequenininhas era um ganho para o CEI. As famílias foram insistentes em dizer que não queriam. Perguntei para Renata o que estava pensando em fazer e se já havia conversado com o professor sobre a situação. Ela então me disse que não tinha dialogado com o professor sobre o assunto, pois estava poupando o professor desta situação. E que existiam outras situações no CEI em que marcavam os preconceitos, mas que ela é a diretora estavam contornando. Perguntei para ela se já havia ocorrido algum problema desse tipo com professoras, ela então disse, já tivemos sim. E perguntei: Construíram para ela todo este suporte de proteção? No mesmo instante ela foi percebendo o cuidado exacerbado com o professor do CEI e, mais uma vez, eram as mulheres reproduzindo um cuidado maternal de proteção para os homens. Ela então me responde: como esta sociedade patriarcal marca e controla o nosso corpo, a mulher, o seu pensar, o fazer, a nossa vida. Como naturalizam o que não é natural. (Informação verbal, 18/09/2018)

...

Os padrões postos por uma sociedade estruturada pelo patriarcado, opera por dispositivos que controlam e normatizam as relações de poder e, principalmente marcam as desigualdades de gênero. O fragmento apresentado, em que o diálogo da coordenadora, criancista e criançaóloga, militante e amiga do CEI, marca de forma naturalizada as relações de cuidado com o professor homem e reforça uma visão fortemente ensinada pelo patriarcado, dos cuidados maternos, da super proteção como algo natural e biológico. Um diálogo que não está atrelado a uma hierarquia e, sim a uma posição de amizade, uma troca de conhecimento e um deslocamento do que é colocado como fratura daquilo que é posto como natural, um processo de diálogo e formação, entre linhas, que são potencializadas no âmbito da inquietação e da provocação, criam fissuras para se pensar o quanto o sexismo está introjetado no

cotidiano da educação infantil. Em pesquisa realizada no mestrado (SILVA, 2014), a discussão de homens na docência com crianças pequenas perpassa por este olhar do machismo que está presente nos discursos e nas atitudes do dia a dia na educação infantil, posições que transbordam, que transitam e que fissuram, trazendo à tona forças presentes nos dispositivos de poder e de segregação das desigualdades de gênero.

[...] os papéis sociais atribuídos ao sexo masculino e feminino não podem ficar presos às marcas das identidades de gênero ou de sexo, as quais reafirmam as diferenças excludentes entre homens e mulheres e às hierarquias na sociedade capitalista. Pelo contrário, ao colocar em evidência as diversas formas de relações entre homens e mulheres, entre meninos e meninas, podemos encontrar nas fronteiras de gênero mudanças para eliminar as desigualdades de gênero. (SILVA, 2014, p. 133).

As fissuras marcam possibilidade de performances ao pensar no agenciamento político de homens no cotidiano infantil, problematizando as relações e o processo de naturalização marcado entre o papel docente e as crianças, o que possibilita pensar em uma pedagogia feminista na educação infantil, principalmente diante do olhar sobre a dimensão de homens exercendo a docência na educação das crianças pequenininhas e pequenas, pois a ideia sobre uma única feminilidade é engendrada como algo hegemônico, o mesmo ocorre com a visão de masculinidade que se ampara no processo de perpetuação do sexismo e das desigualdades de gênero, atrelando a uma perspectiva do homem branco, viril, cis, heterossexual, cristão e provedor da família.

No século 21, torna-se evidente um desejo global renovado dos cidadãos e de seus respectivos Estados por um controle mais rígido da mobilidade. Para onde quer que se olhe, o impulso é em direção ao cercamento ou, em todo caso, a uma dialética mais intensa de territorialização e desterritorialização, de abertura e fechamento. Ganha força a crença de que o mundo seria mais seguro se ao menos os riscos, as ambiguidades e as incertezas pudessem ser controladas, se ao menos **as identidades pudessem ser fixadas de uma vez por todas**. Técnicas de gerenciamento de risco estão se tornando, cada vez mais, um método para governar a mobilidade. Sobretudo na medida em que a fronteira biométrica se expande para múltiplos domínios, não apenas na vida social, mas também no corpo, o corpo que não é meu. (MBEMBE, 2019, s/p., grifo meus).

As diferenças estão marcadas como forma de operar com estruturas já consolidadas e formatadas pelo viés heteronormativo, a defesa é que ao trazer estes corpos segregados e destituídos de uma lógica de direitos, o que estamos vivendo atualmente no Brasil é da propagação da violência contra as mulheres, as crianças, os movimentos sociais, as populações quilombolas, os povos originários, ao movimento negro, os deficientes..., portanto, possamos arquitetar uma formação de devires como mecanismo de luta e combate ao processo de segregação, ou como nos sinaliza Guattari

(1987, p. 36), “uma linha de fuga do *socius* repressivo, como acesso possível a um “mínimo” de devir sexuado, e como última tábua de salvação frente à ordem estabelecida”. Ou ainda, como nos alerta Mbembe, que a biopolítica que demarca o governo dos corpos possa ser explodida e que moléculas sejam constituídas.

Diante desta bionecropolítica que se instala nos espaços-tempos da educação infantil, com micropolíticas fascistas e que normatizam e operam uma modulação dos corpos das crianças pequenininhas e pequenas e de adultas e adultos, que possamos enfrentar e contagiar com outras moléculas, moléculas estas feministas que se propagam como agenciamentos, que produzam fissuras e criam linhas de fugas. Para Gallo (2021, p. 39),

[...] o plano molar não é único; ele é complementado e, às vezes, confrontado por um plano molecular, micropolítico, no qual opera uma “economia libidinal”, da produção desejante. Aí se produz o que ele denomina “revolução molecular”, o que não é uma transformação das macroestruturas, da face visível do Estado, mas sim nas relações cotidianas, envolvendo seus múltiplos campos.

A merendeira Marisa ao sinalizar que ela quer *ter um menino feminista* ou a coordenadora Renata do CEI ao dizer *como esta sociedade patriarcal marca os corpos das mulheres*, enxergo como fluxo que possibilita operar por uma outra lógica, uma multiplicidade é acionada como devir-revolucionário.

Que os átomos de feminilidade como Deleuze e Guattari (2012b, p. 72) demarcam, possam “percorrer e impregnar todo um campo social, e de contaminar os homens, de toma-los num devir. Partículas muito suaves, mas também duras e obstinadas, irreduzíveis, indomáveis.” Que tais partículas se propaguem como forma de contágio para que uma formação feminista nos espaços-tempos da educação infantil e com as presenças de homens feministas produzam máquinas de guerra como fluxos de combate.

Bloco 3 - Por uma pedagogia feminista desde a educação infantil

...

“Precisamos falar sobre as Anas, as Marias, as Carolinas, as Marielles, as Manuelas, as Joanas, as Danieles, e tantas outras que nos cercam e representam...”

Ontem findamos nossa tarde com movimento intenso de viaturas policiais, helicóptero águia e semblantes assustados e apreensivos que pensavam o que haveria acontecido, a caminho de casa diversos homens, mulheres e crianças sentem-se preocupados, outros já parecem estar habituados com esse movimento e simplesmente passam olham e continuam.

Quando iniciamos uma manhã nunca temos o planejamento completo de nosso dia, assim como quando nascemos não sabemos o destino que nos aguarda, vamos

estabelecendo nossas relações familiares, sociais, escolares, profissionais e vivendo nossos dias na esperança da realização dos sonhos que almejamos. Hoje gostaria de pensar junto com vocês sobre os sonhos das mulheres: filhas, mães, avós de todas as mulheres, pois o movimento de ontem infelizmente se refletia a perda de uma garota Daniele, mãe do nosso pequeno Gabriel, sim, estava mais próximo do que imaginávamos, e como representante dessa comunidade escolar e participante das histórias dessas mulheres sinto que preciso me colocar em nome de tantas outras. A violência em relação as mulheres no contexto nacional vem aumentando a cada dia, a mulher morre simplesmente por ser mulher e alguns cidadãos justificam essa violência com falas que perpetuam esse lugar da mulher como um ser que busca ser violentada, escrevo com o coração cheio de tristeza, mas preciso escrever, preciso dizer que se faz mais que urgente nos sensibilizarmos com a mãe que perde a filha, com o bebê que perde a mãe, com o pai, com a família e principalmente pelas Anas, Marias, Carolinas, Manuelas, Joanas, Danieles... que estão por aí sendo violentadas, muitas vezes essa violência não chega ser física, mas é psicológica, emocional, quando somos acometidas por chantagem, quando somos obrigadas a satisfazer vontades alheias, quando somos diminuídas e colocadas para baixo, pelo simples fato de sermos mulheres, aquelas que são consideradas historicamente FRÁGEIS... sabe meninas, sabe garotas, sabe mulheres de frágeis nós não temos nada, pois assumimos as responsabilidades de nossos lares, assumimos nosso lugar no mercado de trabalho e administramos a vida dos nossos filhos e de nossas filhas, fazemos isso com maestria, damos conta de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, somos mulheres, somos mães, somos profissionais, esposas, namoradas, e ainda estamos sempre buscando tempo para sonhar. Enfim, a mensagem que quero deixar para você mulher é que se existe alguém que deseja abafar, detonar, descartar, matar seu sonho, essa relação deve ser repensada, pois, precisamos estabelecer relações para que nossos sonhos sejam alimentados, as vezes nem que não seja possível realizá-los, mas que possamos estar junto com pessoas que nos impulsionem e sonhem conosco. Estamos aqui e buscamos alimentar o sonho das nossas crianças e deixar para elas uma sociedade mais justa, mais colaborativa, mais democrática, nosso maior sonho é que nossos meninos respeitem o valor das nossas meninas de maneira a respeitá-las, dessa forma, precisamos diariamente através do diálogo e das nossas relações pensarmos e repensarmos atitudes e ações junto as mesmas, pois socialmente não podemos mais reproduzir esse contexto triste e violento em relação às Anas, Marias, Carolinas, Marielles, Manuelas, Joanas, Danieles... Precisamos dar as mãos e estarmos juntas!!! (Diretora Juliana¹, Informação verbal, 23/11/2020).

¹ Carta escrita pela diretora Juliana de uma EMEI na cidade de Piracicaba-SP e encaminhada para as famílias e equipe da educação infantil em 18 de julho de 2019, lida em uma live na Semana contra a violência as mulheres, organizada pela EMEI Antonio Boldrin, realizada nos dias 23 a 27 de novembro de 2020. <https://www.facebook.com/antonio.boldrin.7330/videos/212142263798338>

Imagem 2: *As Fridas da EMEI.*



Fonte: Arquivos da EMEI, 2019.

Imagens que compõem este garatujear do pensar no âmbito da pequena infância como mecanismo de criar pedagogias não sexistas, pedagogias feministas desde a tenra idade o que torna-se necessário, diria urgente na atual conjuntura, em que as mulheres estão sendo atacadas em diferentes contextos e seus corpos controlados por um estado genocida que necessita delimitar os lugares na sociedade. Ao trazer o fragmento da diretora Juliana que marca com força o lugar de existência e de certa dose de coragem para findar a vida e a luta, aponto caminhos, uma esteira de encontro com feministas e os movimentos de mulheres nos espaços da pequena infância. O mesmo ocorre ao trazer a imagem das Fridas professoras de educação infantil.

Desta forma, ao trazer a ideia de que os espaços-tempos da educação infantil não são lugares óbvios, pois bem, tal perspectiva explode quando a violência escancara na resistência da existência, estas mulheres estão lutando e “levando em conta sua ousadia e coragem da verdade, mesmo correndo riscos – de expulsão da cidade, de estigmatização, de marginalização ou de exílio, prisão e tortura” (RAGO, 2013, p.54).

Rago (2013) em seu livro “A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade”, narra as histórias de feministas, uma autobiografia de mulheres que na busca pela liberdade, enfrentam a violência do cotidiano, o que possibilita pensar na dinâmica do dia a dia das creches e pré-escolas públicas brasileiras

em que mulheres vão ocupando diferentes funções: professoras, zeladoras, merendeiras, escriturárias, diretoras, coordenadoras e serviços gerais, e que trazem diferentes histórias. Vale ressaltar, que na educação infantil temos mais de 96% dos cargos sendo ocupados por mulheres e que menos de 4% são homens, o que marca que a educação infantil, pode ser um espaço privilegiado e abrangente no campo formativo de feministas e, que neste movimento o homem feminista nasce, do processo de des-formação de uma sociedade marcada pela estrutura patriarcal.

A pesquisadora e ativista feminista da pequena infância Adriana Alves Silva sinaliza que a creche, como luta originária dos movimentos feministas e de mulheres, é um espaço de “construção de pedagogias descolonizadoras que possam desconstruir os processos perversos da colonização patriarcal dos corpos” (SILVA, 2015, p. 35). O que aponta para olhar para a dimensão das propostas educativas nos espaços-tempos da educação infantil, o debate das desigualdades de gênero e a violência contra as mulheres.

Ao conceber a experiência de um gestor de uma EMEI, localizada no município de Piracicaba-SP, em uma comunidade periférica na região norte, uma das regiões mais populosa do município e, com um índice gritante de violência e exclusão, o debate e a discussão sobre a violência contra as mulheres, contra as crianças, contra as minorias é marcador no Projeto Político Pedagógico, isto aponta um desenho político, ético e estético do papel transformador da educação infantil na sociedade, e faz produzir uma travessia que não é solitária e sim coletiva, de coletivos que se deslocam como movimento revolucionário, “conexão de fluxos, composição de conjuntos não numeráveis, devir-minoritário de todo mundo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 190).

Este garatujear uma educação infantil feminista demarca a força dos encontros, do processo de desterritorialização, das fissuras e linhas produzidas para o combate às lógicas normativas do capitalismo. Na semana de combate à violência contra as mulheres que ocorreu em novembro de 2019, a EMEI organizou uma exposição que chamava as professoras e toda a comunidade a compor este movimento. A equipe docente organizou um convite às famílias para que elas contassem um pouco da sua história de luta, resistência, a sua história enquanto mulher, mãe, avó, tia, irmã etc, a devolutiva que obtivemos foi intensa e compôs a exposição *A história das mulheres da EMEI*.

O circular diante da exposição, era de muitas caras e gestos, emoção ecoava no ar, os ventos que balançavam os cartazes da exposição levavam para outros horizontes, outras direções a ideia ali divulgada, apresentada, exposta. A beleza e a potência

política, estética e ética da pedagogia se constitui enquanto uma práxis revolucionária, os feminismos estavam ali festejando e gritando, uma formação estética do olhar compunha as proposituras.

Os ensaios estavam sendo realizados: pensar em uma humanidade em que as diferenças não são excludentes e o lugar da mulher nos espaços da educação infantil são potencializados e festejados. Um movimento que requer coragem, como Rago aponta, coragem para gritar em um momento que tentam silenciar os movimentos sociais, os feminismos, as crianças, as mulheres. Como fizeram com Marielle Franco, e com João Pedro, Miguel, Kauê, Ágatha e...

E como ventania, a exposição foi ocupando outros lugares da cidade, a Universidade, a Secretaria Municipal de Educação, o SESC e os jornais da cidade em que a chamada para participar da semana contra a violência às mulheres partia de uma EMEI, a educação infantil grita contra a VIOLÊNCIA ÀS MULHERES.

As pesquisadoras, feministas e ativistas Adriana Alves Silva e Elina Elias de Macedo (2018, p. 156) destacam que:

Particularmente para as mulheres/mães, ter acesso à creche vai além da possibilidade da utilização do tempo livre e a participação no espaço público, pois compartilhar a educação das crianças pequenininhas significa também dividir com toda a sociedade a responsabilidade da formação das novas gerações.

Os espaços-tempos da educação infantil proporcionam encontros e possibilitam produções de retratos formativos entre adultas, adultos e as crianças, caminhos são construídos em uma travessia não solitária e sim coletiva. hooks (2019) nos traz uma reflexão muito importante diante da atual conjuntura mundial, em que as diferenças explodem e são segregadas ao mesmo tempo, estamos vivendo isto em diferentes situações mundiais: como no Estado Islâmico com a retomada do Afeganistão pelo Talibã, em que as mulheres, as meninas são colocadas em um lugar de subalternidade; na Rússia, com leis que criminalizam a população LGBTQIA+; no Brasil com o atual governo genocida, que normatiza as violências contra a minoria, ou seja, uma junção de operações que mutilam a população. Ainda nos alerta, que no âmbito da eliminação do sexismo nos são apresentadas duas formas de combate, uma educação em que o cuidado parental se torna um direito da criança efetivamente, "assumido ou pelos pais e mães ou por outros cuidadores, e a reestruturação da sociedade a fim de que as mulheres não sejam as únicas provedoras desse cuidado." (hooks, 2019, p. 204)

As mulheres, professoras/es, educadoras/es da EMEI vêm produzindo saberes em conjunto com as famílias e as crianças pequenas convocando e contagiando como

exercício formativo para o combate às violências. Fridas, Marias, Fernandas, Fabianas, Anas, Cristianes, Carolines e tantas outras mulheres e meninas, se juntam na luta e resistência e na produção de conhecimento.

As fissuras se tornam brechas para produções de performances que constrói pedagogias não sexistas desde a educação infantil e como devires, as linhas de fuga são condensadas de forma incontrolável, se multiplicam e contagiam. É desta pedagogia feminista que, como contágio feminista na educação das crianças pequenininhas e pequenas e das/os profissionais que trabalham no chão da creche e pré-escola que podem produzir contágios, um devir mulher nasce. Reafirmo o posicionamento de Silva e Macedo (2018, p. 158),

Como mulheres e feministas, reconhecemos a força e a capacidade de resistência e luta ao estarmos juntas contra o patriarcado e o machismo. É a partir desta experiência que propomos o reconhecimento também da força do coletivo infantil e a importância de propiciar tempo e espaço para que as crianças possam compartilhar a vida com outras crianças, desde o nascimento.

Retomo o fragmento do texto da diretora Juliana em que diante da violência e da morte de uma mulher, mãe de uma criança da creche o silêncio não se manteve na EMEI, a direção gritou nas redes sociais a barbárie que atingiu a todas e todos da unidade, a comunidade, a cidade. Quantas mortes ainda iremos carregar e silenciar? De forma corajosa e emocionante Juliana termina a sua fala em uma das lives na Semana Contra a violência às mulheres que realizamos em plena pandemia, em novembro de 2020. Em que os índices de violência contra as mulheres e crianças estavam sendo denunciados e amplamente divulgados na mídia. Uma pandemia em que o negacionismo invade e contagia muitas pessoas, sinalizo a ausência de humanidade e de existência a vida. Uma guerra já sinalizada em que a população preta, pobre da periferia se vê nas estatísticas de morte pela COVID-19, em que mulheres e crianças são violentadas e mortas por um Estado genocida.

A Semana contra a violência às mulheres em 2020 "*A educação infantil grita! Em defesa as vidas das meninas e mulheres*", fez com que a EMEI levasse para diferentes lugares os manifestos, as lutas, a existência da vida, os feminismos como conectores formativos, como pensares revolucionários. E dentro deste espaço foi reverberando vida, vidas que gritam por mudanças, justiça e pela existência da vida. O ano de 2020 será lembrado como um grande divisor nas relações, pois a pandemia da COVID-19 nos afastou de muitas pessoas, de uma rotina de aglomeração que saboreávamos todos os dias, ao mesmo tempo que explodiu as desigualdades sociais, de gênero e etnicorracial. Esse afastar-se causou e causa um impacto nas relações

sociais que carregaremos por muito tempo. Mas, ao olhar para este evento, não posso deixar de pontuar, ocorrem mudanças no olhar das pessoas envolvidas (professoras, educadoras, ativistas etc), como também de quem assiste. Digo que as mudanças eram perceptíveis diante do cotidiano posto pela pandemia e, principalmente durante as diversas reuniões com os grupos da EMEI, a violência que estava sendo colocada às mulheres e às crianças não passavam sem uma problematização e os discursos machistas não eram tolerados.

Imagem 3: QRcode *Exposição Retratos – Mulheres poderosas e Meninas brincantes*.



Fonte: Arquivos da EMEI, 2020

A exposição *Retratos – Mulheres poderosas e Meninas brincantes* foi saboreada de outra maneira, através de um aplicativo online e divulgada na rede social da EMEI, o processo de constituição e curadoria realizado pela professora Fernanda que desenhou um plano coletivo em que os sorrisos eram espalhados por uma ventania online. De acordo com Flávio Santiago e Ana Lúcia Goulart de Faria (2018, p. 263),

A partir de uma postura crítica acerca do que seja o feminino, podemos construir elos de solidariedade entre as mulheres, sejam elas estrangeiras, negras, indígenas, periféricas, brancas, trans ou cisgênero de diferentes idades, pois todas em alguma medida podem ter experiências em comum que possibilitam uma empatia, criando, assim, elos em prol da luta contra a heteropatriarcado, ou seja, relações horizontais pautadas nas experiências históricas de cada pessoa.

Essa ligação produzida por um coletivo de adultas da Educação Infantil produz um fluxo que pode se multiplicar no sentido do contágio, como Gallo nos convoca (2021, p. 56-57), “[...] exercícios precisam ser inventados por nós, correndo todos os riscos que eles implicam. Arriscar viver a alegria e promover bons encontros entre as pessoas, que aumentem nossas potências de pensar e de agir parece ser o caminho a ser explorado”. É dessa travessia que temos que seguir. O exercício realizado pela EMEI em parceria com outras entidades e pessoas cria possibilidades performáticas no âmbito da formação nos espaços-tempos da pequena infância, uma pedagogia da educação infantil feminista vem sendo produzida.

Ainda dentro desta esteira, os ensaios saíram para a rua em plena pandemia com forma de gritar pelos direitos e denunciar a violência contra as mulheres e meninas, como movimento de combate às micropolíticas fascistas que sobrevivem nas políticas cotidianas, nas relações entre as pessoas como sinaliza Gallo (2021, p. 39), “Só pode haver um Estado fascista quando há microfascismo atravessando o tecido social. Seu perigo não está apenas quando assume esse caráter macropolítico, ao contrário, sua força e sua periculosidade residem em seu caráter micropolítico.”

Retomo ao relato da diretora Juliana como elemento que demarca visões outras para pensar em pedagogias feministas na educação infantil, um sonho a ser alimentado junto às crianças para ensaiar um outro mundo, um mundo mais justo, menos desigual com as mulheres e as meninas, um mundo sem medos! Que o processo formativo se amplie como contágio em que, de forma dupla, elimine práticas sexistas e a naturalização do machismo, como simultaneamente crie conexões revolucionárias (DELEUZE; GUATTARI, 2012b).

Imagem 4: Manifesto Contra a violência as Mulheres e Meninas brincantes.



Fonte: Arquivos da EMEI, 2020.

DESLOCAMENTOS, TRAVESSIAS... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A docência na educação infantil é uma profissão que vem sendo inventada nas relações entre as crianças pequenininhas e pequenas, entre as adultas e adultos nos espaços-tempos das creches e pré-escolas, o que é possível afirmar, que as

experiências sobre feminilidades e masculinidades estão sendo ensaiadas entre os coletivos como movimentos que garatujam pensares sobre a infância.

Se, por um lado as afetações criam armas de combate ao mecanismo de exclusão, por outro os coletivos infantis e de adultas/os apresentam travessias não solitárias e sim em bandos, em coletivos fluxos que se multiplicam nas relações e contágios da práxis libertadora.

Guattari (1987, p. 221) nos provoca ao trazer uma inquietação como fonte para pensar nas maquinárias de guerra: “Como imaginar que máquinas de guerra revolucionárias de tipo novo consigam se engastar ao mesmo tempo nas contradições sociais manifestas e nessa revolução molecular?”

As partículas presentes no cotidiano da educação infantil operam como práxis de contágios que propagam ideias e criam formas outras de pensar, quando de fato, ocorre uma escuta do coletivo infantil, as crianças marcam presença e uma pedagogia dos sentidos nasce das relações, a produção das culturas infantis explodem e contaminam as docências da pequena infância.

Ainda, nesta esteira do contágio, os elementos que compõem os espaços-tempos da educação infantil e que tem como marcador o movimento de mulheres e as feministas, nos ajudam a olhar como exercício do olho, trocando e mudando lentes, a pensar em pedagogias feministas como alimento/exercício de pensares, como devires, linhas e blocos que se multiplicam para combater a visão bionecropolítica que modula desde a pequena infância. Dentro deste viés os conceitos de masculinidades e feminilidades apresentados, são redesenhados como processo que marca as diferenças, o devir-mulher garatuja formas outras para pensar na docência nos espaços da educação infantil. Ou seja, homens feministas, meninos feministas nascem desta conjuntura em defesa das mulheres, uma educação não sexista desde a pequena infância. bell hooks (2019, p. 227) nos alerta para que, “os esforços feministas para desenvolver uma teoria política da sexualidade precisam continuar a fim de que a opressão sexista possa ser eliminada.” Guattari (1987, p. 221) reforça que:

Quando se trata desse vago universo dos desejos, da vida cotidiana, das liberdades concretas, uma estranha surdez e uma miopia seletiva atacam os porta-vozes titulares das formações tradicionais. Ficam em pânico diante da ideia de que uma desordem perniciosa possa contaminar seus bandos. “os bichas, os loucos, as rádios livres, as feministas, os ecologistas, os emarginati, (as crianças) tudo isso no fundo é meio barra!”

A educação infantil e os encontros com os movimentos em defesa da infância, e os movimentos de mulheres e feministas se conectam como possibilidades

transformadoras e, humanizadoras diante de devires revolucionários, não como aparelhamento do Estado que se torna *equipamentos do poder*, como já afirma Guattari (1987, p. 221), “trabalham para que os processos moleculares entrem em conformidade com as estratificações molares”. Mas, como movimento que busca “a criação de máquinas revolucionárias políticas, teóricas, libidinais, estéticas, capazes de acelerar a cristalização de um modo de organização social menos absurdo do que o atual.” (IDEM)

Neste vestígio que ao pensar nas revoluções que estão gritando nos coletivos infantis, nos espaços-tempos da educação infantil. Precisamos ouvi-las, as crianças gritam, choram e dizem... Basta! Que o adultocentrismo, o racismo, o sexismo, a homofobia e todo aparelho reprodutor de exclusão seja eliminado deste ensaio de humanidade, que é produzido nas relações entre as crianças pequenininhas e pequenas, e que nos leva a *exercícios solidários* (GALLO, 2021), trocas e partilhas de conhecimento entre adultas/os e crianças.

Concluo este artigo, defendendo que, entre as fissuras, as imagens e os fragmentos que se deslocam e produzem um efeito político e estético ao pensar sobre a potência dos movimentos da educação infantil e os movimentos feministas e de mulheres, conectores que operam e agenciam o processo singular e criativo da inventividade docente de crianças pequenininhas e pequenas. A questão, portanto, é pensar os lugares da pequena infância como espaços lisos que nascem como proposições de encontro e luta e não da modulação do capitalismo, ou seja, olhar para a educação infantil enquanto a potência dos encontros, e que seja um caminho para transformação, enquanto espaços lisos no qual “a luta muda, se desloca, e que a vida reconstitui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários. Jamais acreditar que um espaço liso basta para nos salvar.” (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 228). Mas, é um caminho no meio de travessias.

A invenção de uma cartografia operacional de lutas, como processos de produção de máquinas de vidas é uma aposta para que possamos experimentar um outro tempo, talvez um tempo em que como Manoel de Barros brinca, *um tempo que não anda para trás*. A vida exige uma tomada de decisão e re-existir junto às crianças pequenininhas e pequenas como *bandos* revolucionários... Por uma pedagogia da educação infantil feminista.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CERISARA, Beatriz. **Professora de Educação Infantil**: entre o feminino e o profissional. São Paulo: Cortez, 2002.
- CONNELL, Robert William; MESSERSCHEMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1), p. 241-282, janeiro-abril/2013.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2 - vol.2. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2 - vol. 4. 1ª Reimpressão, São Paulo: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2 – vol. 5. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 7ª ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 6ª edição. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GALLO, Silvio. Um duplo contágio, ou contágios múltiplos: do governo pelo vírus e de lutas de resistência. In: COELHO, Plínio Augusto (Org.). **O mundo pós-pandemia**: retorno à "realidade distópica" – reflexões libertárias. São Paulo: Intermezzi, 2021, p. 33-60.
- GUATTARI, Felix. Devir criança, malandro, bicha. In: **Revolução Moleculares**: pulsações e as políticas do desejo. 3ª ed., São Paulo: editora brasiliense, 1987, p. 64-69.
- GUATTARI, Felix. Somos todos grupelhos. In: **Revolução Moleculares**: pulsações e as políticas do desejo. 3ª ed., São Paulo: editora brasiliense, 1987, p. 12-19.
- hooks, bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteira. **Revista Serrote**, 2019. Disponível em: <https://revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/> (acesso em 12/08/2022).

MESSERSCHEMIDT, James W. Masculinities and Femicide. **Qualitative Sociology Review**, 13(3), p. 70-79, 2017. Disponível em: http://www.qualitativesociologyreview.org/ENG/Volume42/QSR_13_3_Messerschmidt.pdf (acesso 03/11/2020).

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividades. Campinas: Editora UNICAMP, 2013.

SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Da descolonização do pensamento adultocêntrico à educação não sexista desde a creche: por uma pedagogia da não violência. In: TELES, Maria Amélia de Almeida; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (orgs). **Por que a creche é uma luta das mulheres?** Inquietações feministas já demonstram que as crianças pequenas são responsáveis de toda a sociedade! São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 145-162.

SILVA, Adriana Alves da. "A fertilidade me sufoca". Maternidade, feminismo e creche: algumas interlocuções. In: FINCO, Daniela; GOBBI, Márcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Orgs.). **Creche e feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015, p. 35-56.

SILVA, Adriana Alves da; MACEDO, Elina Elias de. Creche: uma bandeira da despatriarcalização. In: TELES, Maria Amélia de Almeida; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (orgs). **Por que a creche é uma luta das mulheres?** Inquietações feministas já demonstram que as crianças pequenas são responsáveis de toda a sociedade! São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 145-162.

SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou pai, nem tio, sou professor!** A docência masculina na educação Infantil. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2014.

SILVA, Peterson Rigato da; MONTEIRO, Mariana Kubilius; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: propostas educativas açucaradas? Questões de gênero na educação da pequena infância. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 01-15, nov./dez., 2020.

SILVA, Peterson Rigato da. **Entre fissuras** – A desterritorialização dos movimentos sociais da educação infantil e as políticas de gênero na pequena infância. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Creche em tempos de perdas de direitos! In: TELES, Maria Amélia de Almeida; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (orgs). **Por que a creche é uma luta das mulheres?** Inquietações feministas já demonstram que as crianças pequenas são responsáveis de toda a sociedade! São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 163-180.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

HOMENS FEMINISTAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL – POR UMA PEDAGOGIA FEMINISTA

Feminist men and early childhood education – for a feminist pedagogy

Peterson Rigato da Silva

Doutor em Educação

Universidade Estadual Paulista -UNESP

Departamento Educação

Diretor de EMEI em Piracicaba-SP

Rio Claro-SP, Brasil

peterigorato@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8099-8912>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua das Curruíras, n. 136, Nova Piracicaba, CEP: 13.405-118, Piracicaba-SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grupo de pesquisa IMAGO coordenado pelo Prof. Dr. César Donizetti Leite e pelo GEPEDISC – Culturas Infantis coordenado pela Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria. As professoras e todas as profissionais da EM Antonio Boldrin e amigas e amigos da rede municipal de Piracicaba, que defendem e lutam por uma educação infantil de qualidade para todas as crianças piracicabanas.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: P. R. da Silva

Coleta de dados: P. R. da Silva

Análise de dados: P. R. da Silva

Discussão dos resultados: P. R. da Silva

Revisão e aprovação: P. R. da Silva

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](https://portal.periodicos.ufsc.br/). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 21-03-2022 – Aprovado em: 02-11-2022